

Crise na segurança unifica direita e aponta para 'pós-Bolsonaro' em reta final de julgamento

Oposição abraça pauta do combate ao crime para desgastar Lula, em meio às incertezas sobre futuro do ex-presidente, que teve recurso rejeitado pelo STF e deve ter prisão decretada

Por **Joelmir Tavares** — De São Paulo
10/11/2025 05h01 - Atualizado há 2 horas

A entrada definitiva do tema da **segurança pública** no debate eleitoral, com as repercussões da operação policial no Rio de Janeiro que deixou 121 mortos e virou a mais letal da história no país, contribuiu para alinhar atores de oposição que orbitam **Jair Bolsonaro**, só que agora em torno de uma pauta descolada das prioridades do ex-presidente. O movimento acendeu um alerta no presidente Luiz Inácio **Lula** da Silva, que sofre desgastes nessa temática e tenta responder à pressão para se reeleger.

Em setores da direita e do Centrão, uma das avaliações é que é preciso olhar para o “**pós-Bolsonaro**” e substituir o debate da anistia para os envolvidos na tentativa de golpe de Estado pela discussão de problemas reais. O intuito é frear o favoritismo de Lula, que deve disputar a reeleição pelo PT, neste momento.

O ex-presidente, que está em **prisão domiciliar**, **teve seus recursos negados pela Primeira Turma do Supremo Tribunal Federal (STF)** no processo que o condenou por tentativa de golpe de Estado. Após o julgamento no plenário virtual, Bolsonaro poderá ser preso em unidade externa.

O cenário tem acelerado um processo de isolamento de uma parte dos aliados em relação a Bolsonaro, embora políticos e dirigentes partidários ainda avaliem que sua família preserva força no eleitorado e no ambiente digital. O papel do deputado federal **Eduardo Bolsonaro** (PL-SP) nos Estados Unidos, influenciando o tarifaço anunciado pelo presidente **Donald Trump**, abalou as relações internas no segmento.

Ao mesmo tempo, integrantes do clã se queixam de aliados que teriam, segundo eles, sido eleitos de carona no bolsonarismo e agora estariam fazendo uma defesa tímida do ex-presidente, com atuação aquém da esperada na campanha por anistia. Eduardo e o vereador **Carlos Bolsonaro** (PL-RJ) chegaram a comparar a “ratos” os governadores cotados para a Presidência, por quererem herdar o espólio do pai.

A operação da gestão **Cláudio Castro** contra o crime organizado no Rio levou a uma aproximação de governadores de oposição a Lula, que propuseram a criação de um “**consórcio da paz**”, para somar esforços contra a violência. Entre eles, estão nomes apontados como eventuais sucessores de Bolsonaro na direita, como **Tarcísio de Freitas** (Republicanos-SP), **Ronaldo Caiado** (União Brasil-GO), **Romeu Zema** (Novo-MG), **Ratinho Júnior** (PSD-PR) e **Eduardo Leite** (PSD-RS).

“Em alguma medida, uma candidatura antipetista vai ter que ter, mesmo que tacitamente, um apoio do bolsonarismo”, diz o cientista político Rafael Cortez, sócio da **Tendências** Consultoria.

'Pauta fantástica para a direita'

“É uma pauta fantástica para a direita”, afirma o senador e presidente nacional do PP, **Ciro Nogueira** (PI), citando o aumento da preocupação com a criminalidade no país em pesquisas de opinião. Isso levou o PP, no mês passado, a adotar o lema “Brasil do futuro é Brasil mais seguro”. Os elevados índices de aprovação à ação no Rio indicam que a segurança virou tema “irreversível” para 2026, opina.

“Há muito tempo que eu batia nessa tecla, entre os partidos de direita e com o próprio [ex-]presidente, para a gente falar sobre isso. Quando tínhamos os atos contra o [ministro do Supremo Tribunal Federal] **Alexandre de Moraes** e aquelas coisas, eu falava ‘mas vamos falar um pouquinho da segurança também’”, relata Nogueira, que nega existir um afastamento em relação ao ex-presidente. “Não vamos esquecer a anistia, mas essa não pode ser a única pauta. Temos uma eleição para ganhar”, segue.

No PT, a ideia é fazer o debate de **segurança pública** na campanha mostrando que o governo Lula fez mais pela área do que **Bolsonaro**, de acordo com o secretário nacional de comunicação do partido, **Éden Valadares**. “É um tema mais sensível historicamente para a esquerda. Sem abrir mão da defesa da vida e dos direitos humanos, vamos mostrar que é possível combater o crime organizado sem precisar entrar na barbárie da matança”, diz.

'Lambanças' de Eduardo Bolsonaro

Um estrategista que atuou com o bolsonarismo em campanhas afirma, sob reserva, que a direita ganhou a chance de abraçar um tema central da eleição - e, com isso, amenizar os prejuízos do que essa fonte considera serem “lambanças” de **Eduardo Bolsonaro**. “Agora há uma linha de unificação, com uma pauta que mobiliza e tem potencial para afastar de Lula o eleitorado pendular de centro.”

O deputado passou a ser culpado pela reabilitação momentânea de Lula, após a avaliação de que a ofensiva nos Estados Unidos deu a Lula o discurso de defesa da soberania nacional, e insiste em uma estratégia própria.

Eduardo, que não respondeu aos contatos da reportagem, tem interesse em concorrer à Presidência e resiste à possibilidade de que o pai escolha um sucessor de fora da família. Na última semana, ele disse em entrevista que **poderia ser candidato mesmo se for para perder**, porque também enxerga “vitória na derrota”.